



## HIPEREXTENSÃO DIGITAL EM POTRO: RELATO DE CASO

Camilla Larissa de Souza Maia<sup>1\*</sup>, Ingrid Brandão Machado<sup>1</sup>, Lidiany Cristina Fonseca Carvalho<sup>1</sup>, Clarisse Costa<sup>1</sup>,  
Diego Duarte Varela<sup>2</sup>, Lucas Antunes Dias<sup>2</sup> e Andressa Batista da Silveira Xavier<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Graduando em Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – \*Contato: camillamaia@vetufmg.edu.br

<sup>2</sup>Residente em Cirurgia de Grandes Animais – Programa de Residência Integrada em Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

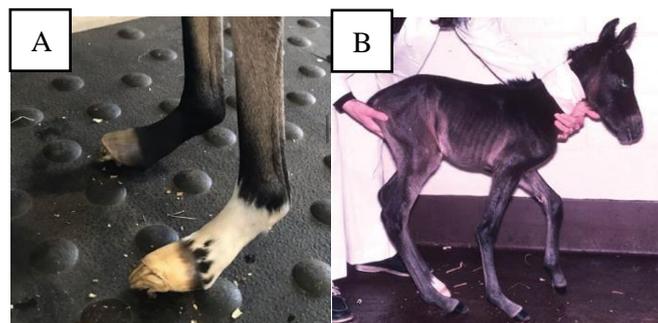
<sup>3</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Escola de Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

### INTRODUÇÃO

Deformidades flexurais podem ser compreendidas como o desvio anormal do posicionamento dos membros, acometendo primariamente os tecidos moles, de modo que os animais afetados apresentam dificuldade para estender ou flexionar o membro afetado completamente<sup>4,6</sup>. Sua ocorrência pode se dar de forma congênita, acompanhando o animal desde seu nascimento, devido a genética, fatores teratogênicos ou posição intrauterina incorreta, o que pode ocasionar em distocia; ou de forma adquirida, por influência nutricional, artrite séptica, fisites ou trauma, ocasionando em sobrecarga do membro oposto e apoio anormal do membro afetado<sup>1,2,3</sup>. Em potros, a idade e diagnóstico precoce são fatores primordiais para o sucesso do tratamento, uma vez que tendões e ligamentos não acompanham o crescimento acelerado da massa óssea dos animais resultando na hiperextensão ou hiperflexão das estruturas acometidas, bem como influenciam na terapêutica satisfatória já que os tecidos se tornam menos responsivos com o passar do tempo<sup>3,6,8,10</sup>. A hiperextensão digital é um tipo de deformidade flexural caracterizada pela flacidez dos músculos flexores. Sua manifestação se dá pela inclinação mais aguda que o normal das articulações metacarpofalangeanas ou metatarsofalangeanas, fazendo com que os potros acometidos permaneçam relutantes para se locomover ou sejam incapazes de manter os dedos dos pés no chão quando estão em estação<sup>1</sup>. A partir disso, o presente trabalho objetiva relatar um caso de hiperextensão digital em um potro com cinco dias de vida utilizando da associação entre tratamento conservativo e fisioterapia visando promover melhora e bem-estar ao paciente.

### RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi encaminhada ao setor de Cirurgia de Grandes Animais do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Minas Gerais (CGA HV-UFMG) uma potra, 5 dias de vida, sem raça definida e pesando 45 quilogramas (kg) após queda em um buraco que resultou em lesões no dorso, membros torácicos e membros pélvicos. Além disso, após a chegada do animal ao hospital, suspeitou-se de hiperextensão digital dos membros torácicos, uma vez que esse apresentava dificuldade de se locomover, se levantar e ainda de permanecer em estação por períodos consideráveis. Realizou-se, então, o exame físico da paciente que apresentou frequência cardíaca de 98 batimentos por minuto, frequência respiratória de 56 movimentos respiratórios por minuto, motilidade intestinal dentro da normalidade, mucosa ocular e oral normocrômica, tempo de preenchimento capilar menor que 2 segundos, glicemia 127 e temperatura de 38,2 °C. Como exames complementares, solicitou-se o exame radiográfico para verificação da presença de fraturas, hemograma, exame bioquímico e teste de IgG para averiguar a adequada transferência de imunidade passiva. Todavia, nenhuma anormalidade foi encontrada. A suspeita de hiperextensão digital foi confirmada com base na clínica apresentada pelo animal, palpação e manipulação dos membros afetados com o animal em estação (Fig. 1)<sup>4,6,7</sup>.



**Figura 1:** Potro apresentando hiperextensão digital devido a flacidez tendínea. (Fonte: A: Ana Gorino Neonatologia; e B: Equine Neonatal Medicine).

O tratamento teve início com a utilização de Clorexidine Degermante e Solução Fisiológica para antisepsia das feridas e remoção dos tecidos desvitalizados seguida pela realização de bandagem, que era trocada a cada dois dias. Como medicação, foi administrado Omeprazol (Gastrozol® pasta) 4mg/kg/VO/SID por 5 dias; Ceftiofur sódico (TOPCEF®) 10mg/kg/IV para antibioticoterapia por 5 dias; Firocoxib 0,1 mg/kg VO e Fenilbutazona 4.4mg/Kg/TV/SID como AINE por 5 dias, possuindo este último propriedade analgésica bem reconhecida em equinos; e Amicacina 15mg/kg/IV/BID também por 5 dias. Para correção da hiperextensão da articulação metacarpofalangeana foram confeccionadas duas órteses podais com extensão palmar feitas de acrílico para manter a sola do casco no chão, bem como reajustar o posicionamento adequado das articulações metacarpofalangeanas do animal (Fig. 2).



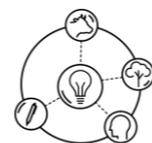
**Figura 2:** Órtese podal confeccionada de acrílico proporcionando restauração do alinhamento da quartela do casco. (Fonte: Arquivo CGA HV-UFMG)

Para fortalecimento da musculatura e dos tendões foi associada fisioterapia com curtos passeios de 20 minutos pela manhã todos os dias, sendo importante salientar que o exercício excessivo não é indicado, uma vez que a fadiga tende a agravar o problema<sup>1,5</sup>. Além disso, devido à dificuldade apresentada pelo animal para se levantar e deambular até a mãe devido a hiperextensão digital e as feridas, foi estabelecido pela equipe plantões para levantar a potra durante o dia e a noite, a cada 1 hora, visando garantir a ingestão adequada de leite pelo neonato.

Diante do tratamento conservativo realizado no animal, obteve-se cicatrização adequada das feridas e melhora do quadro de hiperextensão digital com ausência de sequelas, demonstrando eficácia considerável na abordagem clínica, não havendo necessidade da abordagem cirúrgica.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no presente relato, ressalta-se a importância do diagnóstico precoce da hiperextensão digital em potros, principalmente quando estes ainda são neonatos. Sabe-se que em alguns casos, a medida em que o potro saudável caminha e se exercita, a flacidez tendínea pode se solucionar sozinha. Todavia, em casos mais severos, ao caminhar sob o aspecto palmar ou plantar das articulações metacarpofalangeanas ou metatarsofalangeanas, pode ocorrer o desenvolvimento de lesões de pele em resposta ao trauma sofrido nesta região, sendo necessário um manejo diferenciado, com restrição de exercício, proteção da região lesionada e uso de extensões de casco. A partir disso, percebe-se que o acompanhamento do animal consiste em estratégia ouro para determinação do tratamento mais indicado a cada caso bem como ao manejo mais adequado, visando aumentar as chances da completa correção da deformidade flexural sem trazer sequelas para o animal, além de garantir seu crescimento saudável.

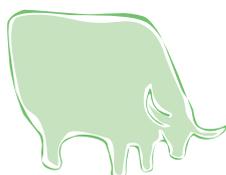


## X Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KIDD, J. A. Flexural Limb Deformities. In. AUER, J. A.; STICK, J. A. Equine Surgery E-Book. 5th ed. St Louis: Elsevier Health Sciences, 2019. p. 1490-1508.
2. MOLNAR, B. F. P. Deformidades Flexurais Congênitas e Adquiridas em Potros. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. Monografia (Medicina Veterinária).
3. AMORIM, M. F. C.; VAGO, P. B.; GOMES, M. C.; SILVA, A. M. Deformidade Flexural em potro. PubVet, v.15, p. 1-5, 2021.
4. MACDONALD, M. H; KANNEGIETER, N.; PERONI, J. F.; MERFY, W. E. The musculoskeletal system. In. HIGGINS, A. J.; SNYDER, J. R. The equine manual E-Book. 2nd ed. Elsevier Saunders, 2006. p. 1054-1058.
5. AUER, J. A. Diagnosis and Treatment of Flexural Deformities in Foals. Clinical Techniques in Equine Practice. v. 5, p. 282-295, 2006.
6. CORRÊA, R. R.; ZOPPA, A. L. V. Deformidades flexurais em equinos: revisão bibliográfica. Ensaios e Ciência, v. 5, p. 37-43, 2007.
7. HIGGINS, A. J., & SNYDER, J. R. The equine manual E-Book. Elsevier Health Sciences. 2013.
8. EMBERTSON, R. M. Congenital abnormalities of tendons and ligaments. Veterinary Clinics of North America: Equine Practice, v. 10, p. 351-364, 1994.
9. PROVOST, P. Noninfectious Musculoskeletal Problems. In. PARADIS, M. R. Equine Neonatal Medicine: A Case-Based Approach. Philadelphia: Elsevier Saunders, 2006. p. 157-177.
10. GAUGHAN, E. M. Flexural limb deformities of the carpus and fetlock in foals. Veterinary Clinics Of North America: Equine Practice, v. 33, p. 331-342, 2017.

### APOIO:



UF **m** G

Escola de Veterinária  
UFMG